

# O FOLCLÓRICO BAR PALÁCIO E OS TEMPOS DA MEMÓRIA GUSTATIVA

Mariana Corção<sup>1</sup>

## Memória Gustativa: um Esboço Preliminar

*Só comia frango, não comia outra coisa. [...] Não, frango assado. Aquele cheiro a gente via há três quadras de distância a gente já sentia o cheiro do Restaurante...e era gostoso...<sup>2</sup>*

Ter a memória gustativa como elemento estrutural da reconstrução de experiências conduz a muitas lembranças e menções do Bar Palácio ao longo de suas décadas de existência e do uso que se fez dele pelos frequentadores. A citação acima é um enxerto da narrativa do ex-frequentador G. C.<sup>3</sup>, que recorda os tempos em que frequentava o Bar Palácio, entre as décadas de 1940 e 1950. Ao longo da fala do entrevistado o Palácio é pouco citado. Sendo que, inicialmente, ele sequer se lembra do nome, se referindo ao lugar como “*restaurante que ficava aberto 24 horas*” (o Bar Palácio foi uma das únicas opções de restaurante noturno de Curitiba entre 1930 e 1960). O cheiro do frango do Restaurante Palácio (note-se que o entrevistado elege o termo restaurante para designá-lo), contudo, se faz extremamente presente. É esse o retrato resultante da memória gustativa: o predomínio de cheiros e sabores do qual irradiam todo o resto de lembranças que os cercam.

O Bar Palácio, considerado como um espaço em que se vive, faz com que se manifestem sensações naqueles que experimentaram seu espaço e seu ambiente. Tais sensações são entendidas como manifestação da memória gustativa, a qual foi primeiramente identificada na narrativa literária de Marcel Proust:

*Mas no mesmo instante em que aquele gole, de envolta com as migalhas do bolo, tocou o meu paladar, estremei, atento ao que se passava de extraordinário em mim. Invadira-me um prazer delicioso, isolado, sem noção da sua causa [...] tal como faz o amor, enchendo-me de uma preciosa essência: ou antes, essa essência não estava em; era eu mesmo. [...] De onde vinha? O que significava? Onde apreende-la? [...] De ponho a taça e volto-me para o meu espírito. É a ele que compete achar a verdade. Mas como?<sup>4</sup>*

A realidade na narrativa marcadamente subjetiva de Proust ultrapassa o que o homem é capaz de perceber concretamente. Nesse contexto, o real se faz através da associação entre os sentidos corporais (como a experiência do gosto), experiências

<sup>1</sup> Doutoranda em História pela Universidade Federal do Paraná. Docente da Secretaria de Educação do Paraná.

<sup>2</sup> G. C.; entrevista concedida a Mariana Corção, Curitiba, 4. jul. 2006.

<sup>3</sup> Os nomes dos seis frequentadores do Bar Palácio que foram entrevistados serão apresentados em siglas de forma a preservar suas identidades.

<sup>4</sup> PROUST, Marcel. *A la recherche du temps perdu*. Vol. 1 - Du cotê de chez Swann. Paris: Gallimard, La Pleiad, 1987, p. 44. Tradução do trecho de Lúcia Maria Salvia Coelho.

passadas e lembranças presentes ou já quase esquecidas. Tal entendimento do real se associa com as referências da psicanálise e da psicologia. O fragmento apresentado do romance de Proust, *Em Busca do Tempo Perdido*, revela de quê forma a sensação gustativa é capaz de ativar uma outra sensação, uma que transcende o tempo no qual o indivíduo está inserido. A sensação incita o indivíduo a buscar nele próprio uma resposta ao estímulo indagador.

A percepção do tempo na obra de Proust transcende o tempo social, colocando-o numa escala subjetiva que recorre a experiências vividas para compreender as sensações do presente. O presente, nesse sentido, é posto como um ponto móvel determinado pela relação passado-futuro. A filósofa Hannah Arendt, tratando da ruptura entre passado e presente, faz considerações sobre a posição do tempo presente na história, o qual se enquadra na perspectiva proustiana.

*[...] Ele tem dois adversários: o primeiro empurra-o para frente, desde suas origens. O segundo bloqueia-lhe o caminho à frente. Ele luta contra ambos. Na verdade, o primeiro auxilia na luta contra o segundo, pois quer-lhe empurrar para frente, e da mesma forma, o segundo o auxilia na luta contra o primeiro, pois quer fazê-lo recuar. Isso é assim apenas teoricamente. Pois não há ali apenas dois adversários, senão também ele próprio; e quem conhece efetivamente suas intenções? De qualquer modo, seu sonho, que ele uma vez, em pequeno e inusitado momento sonhou, - e isto exige todavia uma noite tão escura como nenhuma outra foi - é o de saltar para cima da linha do combate e, em virtude de sua experiência de luta, posicionar-se acima de seus co-adversários.<sup>5</sup>*

Hannah Arendt parte do conto de Kafka, citado acima, para refletir acerca da ruptura da tradição no período moderno percebendo o tempo segundo a filosofia de Heidegger (para quem a mente humana não é capaz de expressar toda a temporalidade, e para quem o “ser-no-mundo”, adquire autenticidade apenas na repetição resoluta do seu passado). O personagem, nessa perspectiva, representa o indivíduo que sofre forças advindas do passado, dele próprio e do mundo que o antecede e da mesma forma do mundo que ainda é futuro. O passado e o futuro apresentam sentido infinito em ambas as direções. Entretanto, a vivência do indivíduo é limitada pela luta entre ambas as forças infinitas, já que logo é limitada por elas na direção em que o atinge. Seria uma luta equilibrada se não fosse o pensamento do indivíduo, que na concepção de Hannah Arendt é o que leva à ação. Assim, a ação reflexiva do homem é a força que rompe o equilíbrio passado/futuro e faz com que se mova no presente. O pensamento-ação, dessa forma, possui um ponto de origem e se estende infinitamente numa direção, que é dada pelo conflito das forças passado-futuro<sup>6</sup>.

Proust considera o passado como elemento constituinte do presente. O passado,

<sup>5</sup> Tradução de M. B. Magalhães, do original do alemão. In: MAGALHÃES, M.B. *Pensamento e Ação* na Obra de Hannah Arendt. *História e Perspectivas*, Uberlândia, jan./jun. 2001, n. 24, p. 32.

<sup>6</sup> ARENDT, H. *Entre o passado e o futuro*. 5 ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.

por sua vez, é entendido como sendo constantemente modificado pelo presente, o qual é interpretado pelo indivíduo, atento aos elementos concretos. A realidade, desta forma, resulta do diálogo entre o concreto percebido pelo indivíduo, as representações mentais do passado e da interpretação do presente, as quais são reconstruídas constantemente.

*[...] o sabor ainda recente daquele primeiro gole e sinto estremecer em mim qualquer coisa que teriam desancorado, a grande profundidade; não sei o que seja, mas aquilo sobe lentamente; (...) Por certo, o que assim palpita no fundo de mim, deve ser a imagem, a recordação visível que, ligada a esse sabor, tenta segui-lo até chegar a mim. Mas debate-se demasiado longe, demasiado confusamente; mal e mal percebo o reflexo neutro em que se confunde o ininteligível turbilhão das cores agitadas; mas não posso distinguir a forma, pedir-lhe, como ao único intérprete possível, que me traduza o testemunho de seu contemporâneo, de seu inseparável companheiro o sabor, pedir-lhe que me indique de que circunstância particular, de que época do passado é que se trata.<sup>7</sup>*

O sabor da *madeleine* associado ao chá desperta no indivíduo um fragmento de memória, o qual conscientemente o ele seria incapaz de resgatar. A memória despertada pelo alimento, posta no âmbito do esquecimento, não seria rememorada se assim quisesse o indivíduo. Pode-se dizer que a narrativa de Proust apresenta a forma pura da memória involuntária definida por Benjamin. Para Benjamin, o fragmento de memória involuntária, desperta no indivíduo uma sensação que não tem correlacionamento direto com a experiência presente, e que conduz à rememoração de experiências que não estavam no foco principal de lembranças do indivíduo. Um fragmento de memória involuntária, despertada através de um estímulo sensorial externo, é capaz de resgatar lembranças que haviam sido postas às margens das rememorações<sup>8</sup>.

*[...] Aquele gosto era o do pedaço de madeleine que nos domingos de manhã em Combray (pois nos domingos eu não saía antes da hora da missa) minha tia Leôcia me oferecia, depois de o ter mergulhado no seu chá ou de tília, quando ia cumprimenta-la em seu quarto.<sup>9</sup>*

Proust apresenta, seguindo a citação acima, o gosto da *madeleine* como o único intérprete das reminiscências das representações imagéticas da mente do personagem que são despertadas pelas sensações da experiência presente. A varredura leva o indivíduo à lembrança de um acontecimento passado posto no âmbito do esquecimento.

<sup>7</sup> PROUST, *A la recherche...*, v.1, p. 46. Tradução do trecho de Lúcia Maria Salvia Coelho, grifo da autora do artigo.

<sup>8</sup> BENJAMIN, WALTER. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

<sup>9</sup> PROUST, *A la recherche...*, v.1, p. 46.

A memória gustativa ultrapassa a experiência singular na medida em que está associada ao cotidiano dos indivíduos, das pessoas e dos grupos. Alimentar-se, no contexto de estudos da História e Cultura da Alimentação, é entendido como uma ação que engloba diversos aspectos sociais, tais como nutrição, economia, tradição, inovação, costumes, hábitos, sociabilidade. O universo alimentar é percebido como uma categoria histórica<sup>10</sup> que da mesma forma que outros microcosmos das práticas sociais, “*não é somente das inovações, das aquisições, das criações, é também dos desaparecimentos, das perdas, das destruições*”<sup>11</sup>. O filtro do tempo posto em meio à dinâmica social, nessa perspectiva, releva algumas práticas e concomitantemente coloca outras práticas às margens.

A ação selecionadora de elementos resistentes ao longo dos anos associa-se a elementos residentes na memória coletiva. Para Halbwachs, a memória coletiva “*retém do passado somente aquilo que ainda está vivo ou capaz de viver na consciência do grupo que a mantém*”<sup>12</sup>. Desta forma, entre permanências e esquecimentos, persevera uma relação entre passado e presente.

Jan Vansina, que inovou os estudos sociais com a inserção das tradições orais como fontes de análises antropológicas, considera que as tradições se constituem em memórias de memórias<sup>13</sup>. A partir das considerações das lembranças e esquecimento ao longo da comunicação mnemônica entre diferentes gerações, a memória é constituída, segundo Vansina, como um elemento dinâmico. Nesse sentido, o autor compara as tradições a uma sucessiva série de documentos históricos, todos perdidos, com exceção do último que é interpretado, de acordo, com a contribuição de todos os elos da corrente de transmissão<sup>14</sup>.

Da mesma forma que as tradições, a memória é um fenômeno construído social e individualmente a qual se constitui num elemento essencial do sentimento de identidade, segundo o entendimento que é apresentado por Michael Pollak<sup>15</sup>. A identidade é percebida, nesse contexto, como fator que oferece ao indivíduo um sentimento de continuidade física, moral e psicológica, assim como um sentimento de coerência, em meio às permanências, inovações e perdas consequentes do decorrer do tempo<sup>16</sup>.

A modernidade e a ascensão da cultura do efêmero<sup>17</sup> caracterizam a relação do indivíduo com o passado com tal dinamicidade que a memória involuntária de Benjamin não se apresenta de forma tão pura quanto na narrativa *proustiana*. A memória involuntária, desta forma, tende a se entrelaçar à memória voluntária (o

---

<sup>10</sup> Ver: SANTOS, C. R. A. dos. Por uma história da alimentação. *História: Questões & Debates*, Curitiba, jan./dez. 1997, v. 14, n. 26/27, p. 154-171.

<sup>11</sup> REVEL, Jean-François. *Um banquete de palavras*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p.314-315.

<sup>12</sup> HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990, p. 81-82.

<sup>13</sup> VANSINA, J. *Oral tradition as History*. Wisconsin: The University of Wisconsin Press, 1985, p. 160.

<sup>14</sup> VANSINA, *Oral tradition...*, p. 29.

<sup>15</sup> POLLAK, Michel. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, CPDOC-FGV, v.5, n. 10, 1992, p. 200-212.

<sup>16</sup> POLLAK, Memória e identidade..., p. 5.

<sup>17</sup> Ver: BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

reconstruir constante das lembranças). Nesse sentido, a memória gustativa, que se enquadra nas formas espontâneas da memória- involuntária e coletiva, se manifesta timidamente no meio contemporâneo em meio às outras formas de memória.

O Bar Palácio, desta forma, se apresenta como um espaço que viabiliza uma experiência de memória, tanto voluntária quanto involuntária, porque apresenta características peculiares – tanto no condizente ao serviço, quanto na relação estabelecida com os clientes, no contexto da alimentação no novo milênio.

### ***Bar Palácio: Onde as Lembranças Permanecem***

O Bar Palácio, em suas mais de sete décadas de história, apresenta diversos tempos remetidos pelas lembranças. Pode-se dizer que há um primeiro tempo, uma época em que o Bar Palácio era um dos raros restaurantes que ficava aberto na madrugada de Curitiba. Em seguida, o tempo do Bar que proibia o serviço a mulheres desacompanhadas e que era reduto de sociabilidade masculina ao longo da noite. Há também o tempo da tradição, em que o Bar Palácio representa um marco da cultura boêmia curitibana. Mais recente é o tempo da rememoração, em que os frequentadores dialogam com os elementos tradicionais do espaço do Bar Palácio em busca da revivência das próprias lembranças, ou remeter às de alguém de quem fala o lugar, como amigos que o frequentavam e já faleceram.

No tempo em que restaurante era novidade em Curitiba (e ainda mais noturno) , nas décadas de 1930 e 1940, o Bar Palácio era destaque. Talvez seja esse o porquê dos frequentadores que o conheceram nessa época preferirem se referir ao Palácio como restaurante, como fizeram B. R. e G. C. ao longo da entrevista, e o antigo frequentador Rui Miranda, em seu depoimento no livro de Valério Hoerner Júnior<sup>18</sup>. Nesse sentido, cabe expor a citação de B. R.: “*Que fique bem claro que eu nunca entendi porque era Restaurante Café Palácio, eu não sei o que o café fazia no meio desse restaurante que não tinha café. Eu sei que esse era o nome, mas eu não sei porque*”<sup>19</sup>.

Café e Restaurante Palácio é o nome do estabelecimento, como observamos no cartão de visitas, o lugar, contudo, é conhecido como Bar Palácio – apesar de sua estrutura e serviço serem marcados com características de um restaurante. As denominações “Bar” e “Café” estão relacionadas à intensa sociabilidade a qual o ambiente se pretendia, e que marcou o Palácio por muito tempo para quem o frequentava e para quem o conhecia.

O depoimento de G. C. sobre o Bar Palácio coloca a refeição que era lá feita como algo que excedia as três refeições diárias habituais. Mesmo ceando como cortesia no Cassino Ahú, ele e outros funcionários do Cassino iam para o Palácio após o expediente para comer. A refeição extracotidiana é um elemento comum entre os frequentadores do Bar Palácio, já que este permanece aberto de madrugada, é um fator interessante para se pensar no que leva as pessoas a irem ao Palácio. Em princípio a rotina do dia foi encerrada, todas as refeições foram feitas. Ir ao Bar Palácio de madrugada seria uma forma de estender a sociabilidade, acompanhada do churrasco. Pode-se dizer, nessa perspectiva, que parte da clientela do Bar Palácio é boêmia, da qual se entende como o indivíduo ou o grupo de pessoas que não

<sup>18</sup> HOERNER JÚNIOR, Valério. *O folclórico Palácio*. Curitiba: Vicentina, 1984, p. 82-84.

<sup>19</sup> B. R.; entrevista concedida a Mariana Corção, Curitiba, 25 mai. 2006.

tem um objetivo definido ao sair à noite, não sai simplesmente pelo comer-fora ou para encontrar amigos ou familiares.

O Bar Palácio sofreu uma mudança de sede no início da década de 1990, na época, uma reportagem intitulada “Bar palácio: 61 anos de boemia agora em nova versão” conclui que do velho Palácio permaneceram os famosos pratos e a placa escrita num português que resistiu a reformas ortográficas<sup>20</sup>. Tal anúncio revela o entendimento do cardápio do Palácio como um núcleo firme de suas características. Fator que confere ao cardápio um aspecto relevante no condizente à relação Bar Palácio-frequentador, como transmissor e viabilizador da permanência da tradição.

Ao perguntar aos garçons do Bar Palácio quais os pratos mais pedidos, há uma grande possibilidade de se ouvir: “os pratos tradicionais”<sup>21</sup>. Considerando que o cardápio pretende-se tão invariável quanto todo o resto das características do Palácio, questiona-se: quais entre todos os pratos, que são tradicionais, seriam os prediletos?

As entrevistas apresentadas na presente pesquisa direcionam a resposta: B. R. vai ao Palácio comer *Filet à Griset*, já A. S. gosta do *Griset*, do Churrasco (que segundo ele, chamam de paranaense), e do “franguinho”. G. C. diz que comia frango assado. D. C. menciona o famoso *Filet à Griset*. I. O. se lembra do “paranaense”. A. K. cita os *mignons* e a dobradinha. E. K. disse adorar o *Filet à Griset*, o Churrasco, a salada verde, a farofa de ovos e o Mineiro com Botas (sobremesa de banana flambada). Nesse mesmo sentido, há um predomínio nos jornais de referências ao *Filet à Griset*, ao Churrasco Paranaense e ao Mineiro com Botas. Em sua coluna na Gazeta do Povo do dia 29 de março de 2004, o colunista social Reinaldo Bessa perguntou ao garçom Milton Coelho quais seriam os pratos mais pedidos ainda hoje. Milton respondeu: “*Mignon Grisé e Churrasco Paranaense*”<sup>22</sup>. Há, desta forma, uma notável aproximação do referidos “pratos tradicionais” dos garçons aos pratos mais pedidos, que são: o *Filet à Griset*, o Churrasco Paranaense, o Frango à *Crapudine* e o Mineiro com Botas.

A fumaça e o movimento de pessoas são referências constantes à antiga sede. O referido churrasco é um aspecto permanente do estabelecimento. O ambiente varia de acordo com a inserção do Bar Palácio: quem e porque o busca, as características intrínsecas à estrutura interna só sofrem variações de acordo com as imposições do contexto, mas a administração pretende a invariabilidade, o que permite que muitos aspectos permaneçam da mesma forma que eram desde a década de 1930. B. R., frequentador desde a primeira década de existência do Bar, afirma que sentiu muito pouco as mudanças relacionadas à oferta da casa. D. C. encerra a entrevista expondo: “*A comida era boa, era saborosa, bem feita. Era um lugar que eu tenho boas recordações*”<sup>23</sup>. A colocação do tempo verbal no passado, “*era um lugar*”, indica a relação atual do entrevistado com o Bar Palácio, ou seja, uma relação fundamentada de lembranças, mesmo o estabelecimento ainda existindo. O depoimento de E. K., que foi levada ao Bar Palácio pelo atual marido, diverge de D. C., na medida em

<sup>20</sup> BAR PALÁCIO: 61 anos de boemia agora em nova versão. *Indústria e Comércio*, 9 set. 1991.

<sup>21</sup> L. G.; S. B. & M. C.; entrevista concedida a Mariana Corção, Curitiba, 26 ago. 2004.

<sup>22</sup> BESSA, R. Especto Giratório. *Gazeta do Povo*. Curitiba, 29 mar. 2004.

<sup>23</sup> D. L. C.; entrevista concedida a Mariana Corção, Curitiba, 4 jul. 2006.

que se refere ao lugar no tempo presente:

*Eu gosto de várias coisas lá. O churrasco é uma delícia, o Filé Grisset, eu sempre como o Filé Grisset e o churrasco, e aquela saladinha verde, sou vidrada na salada deles também. Como um prato, dois de salada só de verde e cebola, sabe? Adoro. A farofinha de ovos é muito especial. E a sobremesa que eles tem lá, Mineiro com Botas, é demais.<sup>24</sup>*

A fala de E. K. demonstra a identificação familiar que tem com o Bar Palácio. Ao falar da comida no diminutivo: “saladinha”, “farofinha”, a entrevistada denota intimidade com a lembrança-gosto do que fala, como se estivesse sentido o cheiro daquilo a que se refere. O filho de E. K., A. K., conheceu o Bar Palácio, levado pelos pais ainda quando era criança. O depoimento de A. K. é bastante significativo na medida em que revela impressões de sensações e experiências que dialogam entre o recordar e o viver:

*Essa história dos mignons, tem o grise, chateaubriand, não me lembro mais os nomes, mas se tiver uns cinco, seis tipos de mignon, esses eu experimentei. Eu acho uma delícia. Mas me chamava atenção a dobradinha que eu sempre achei uma coisa horrível e meu pai sempre comia. E depois eu comecei a ir sem ele e resolvi comer e daí eu só consigo comer lá. Eu sempre fui indicando a comida mesmo. Mas me chamava atenção. Eu gostava, por exemplo, de sentar perto da churrasqueira desde que era ela um pouco diferente do padrão de churrasqueira que tem, que é o tijolo quadrado e tal, tantas assim que trabalham vários homens, ali tinha uma certa história, o formato dela era, não sei se, que eu ia desde criança eu imaginava alguma coisa, não sei como era a imagem direito, depois se transformou um monstro, alguma coisa, tinha um formato, tem um formato diferente, um sistema de alavancas assim, que sobe e desce a grelha, nunca vi isso em nenhum lugar, só lá. Acho que isso ajudou a formar o ambiente, a encantar. Tem umas placas assim em cima grande, escrito Bar Palácio, parece que está errado, mas é que como se escrevia naquela época. O ambiente me chamava muita atenção. E os garçons que tinham dois principalmente assim, que parece que era super amigo da gente, até hoje. Se eu for lá hoje, vai ser aquele abraço e tal, em que nunca foi nada mais do que simplesmente atender, mas tinha um carinho, alguma coisa assim, não sei se é porque o meu pai foi um bom freqüentador lá. Sempre foi agradável. Diferente de, ... nenhum outro restaurante, mesmo que a gente tenha freqüentado bastante, foi tão assim, como é que se diz, agradável. Todos os fatores. Indica assim, primeiro pela comida, depois o ambiente*

<sup>24</sup> E. K.; entrevista concedida a Mariana Corção, Curitiba, 8 ago. 2006.

*é muito bom, engraçado, não sei se hoje tem isso, mas sempre comentava isso com as pessoas, a faca, a mesma de sempre, assim acho desde que começou, porque vão afiando, afiando, afiando, que chega a ficar, que você vê que ela é uma faca antiga e ela perdeu já o formato dela. Está bem fina, de tanto que afiou a mesma faca, isso me chamou muita atenção também.*<sup>25</sup>

A associação da lembrança do pai comendo dobradinha com gosto o levou a experimentar e substituir o tradicional pedido de *mignons*. A preferência por sentar perto da churrasqueira associada à impressão infantil que a peculiar churrasqueira apresenta. Segundo o entrevistado, a churrasqueira do Palácio é única, nunca viu outra igual. Talvez também porque não tenha estabelecido com nenhuma outra churrasqueira a impressão infantil sobreposta à impressão adulta. A antiga placa do Bar Palácio, cujo texto, para A. K., parece estar escrito de forma errada. As facas que em suas lembranças parecem bastantes antigas pelo desgaste do fio. A comida do Bar Palácio se associa a muitas outras impressões. A partir da fala de A. K., pode-se dizer que o Bar Palácio apresenta uma aura para quem tem lembranças da infância passadas lá.

A narrativa de A. S. conduz à perspectiva de que o Palácio já não possui o mesmo significado para a sociedade curitibana, por abarcar as consequências do envelhecimento dos frequentadores. A. S. frequenta o Palácio desde o final da década de 1960, e continua a ir com o mesmo objetivo de outrora, o de comer. Contudo, os elementos que envolvem a refeição mudaram: o horário, as companhias, a frequência, assim como, seus costumes:

*[...] Ele já sabe o meu costume, então ele guarda mesa para mim. Enfim, eu me sinto em casa lá, eu me sinto em casa. E gosto de ir sozinho, eu cultuo ir sozinho. [...] É muito agradável degustar a comida, comer sozinho, beber...Ali me ajuda a pensar na vida, pensar numa maneira gostosa na vida. É um ato de prazer, eu cultivo isso. Eu não faço questão de ir com outras pessoas, nem com a minha mulher, gosto de estar sozinho. É uma coisa diferente. É o prazer de uma boa refeição.*<sup>26</sup>

A. S. conecta o Bar Palácio a sua própria casa, como um espaço de privação do indivíduo na sociedade. Gostar de ir sozinho ao Palácio revela elementos significativos da perspectiva que este frequentador tem do Palácio. Degustar o que é servido no Palácio conduz o entrevistado ao prazer da refeição solitária, que mescla elementos já vividos e sensações passadas que veem à tona com o que o espaço do Palácio proporciona e principalmente, o que a comida desperta na memória gustativa: uma forma boa de pensar na vida. A colocação de A. S. conduz à consideração de que as experiências de vida, as quais tiveram como tema e/ ou cenário o Palácio, foram boas, na medida em que o exercício da refeição solitária no Bar Palácio é para ele uma forma de lazer. Lembrar daqueles que frequentavam e já morreram – e tudo

<sup>25</sup> A. K.; entrevista concedida a Mariana Corção, Curitiba, 8 ago. 2006.

<sup>26</sup> A. C. S.; entrevista concedida a Mariana Corção, Curitiba, 29 maio 2006.



mais que foi um dia e já não é mais –, uma nostalgia na qual se privilegia o resgate e não a perda, o que torna a ação mais agradável. No contexto contemporâneo, as reportagens publicadas nos jornais dialogam com o discurso dos fregueses na medida em que aludem ao Palácio como espaço pertencente à “boemia perdida” curitibana<sup>27</sup>.

Em novembro de 1999, o jornal *O Estado do Paraná* publicou um artigo intitulado: “Endereço da fase áurea”, em que o cartunista Dante Mendonça e o jornalista Manoel Carlos Karam, contam suas experiências no Bar Palácio da Rua Barão do Rio Branco. “Era ponto de honra ir até lá”, falou Dante. Segundo os entrevistados, a qualidade da cozinha era outro chamariz, como coloca o jornalista que escreveu o artigo. A referência ao Bar Palácio no tempo pretérito, mesmo este ainda existindo, é indicativo de que a perspectiva social da tradição do Palácio nos jornais regionais diverge das décadas de 1970 e 1980 e do período da mudança de sede. O ambiente, no sentido da frequência, mudou. A cozinha, no entanto, permanece com as mesmas características, o marco do Palácio é a tradição alimentar<sup>28</sup>.

### **Experiências Saborosas: o Valor Da Tradição Alimentar**

“O que que eu vou me identificar com esses restaurantes? Não tenho porque me identificar”<sup>29</sup>, desabafou o entrevistado B. R. ao comparar o significado do Bar Palácio para ele diante da grande oferta de restaurantes na Curitiba contemporânea. Considerando o forte laço identitário que o entrevistado estabelece desde a infância com o Bar Palácio, é, de fato, uma tarefa difícil para os “restaurantes modernos” realizarem o mesmo em qualquer nível de cliente. O molde do que B. R. denomina como “restaurante moderno”, é o que enfatiza a gastronomia, seja através da criatividade, da figura de um *chef* e da temática eleita, ou também na decoração do ambiente, caracteriza o restaurante como uma empresa lucrativa. Nesse sentido, a dinâmica do mercado gastronômico noturno, que é alta; seja na abertura e fechamento de novos restaurantes, seja em mudanças de administração, de proposta ou mesmo de cardápio; dificulta o estabelecimento de laços identitários como o que o frequentador B. R. tem com o Palácio.

No contexto contemporâneo, lugares que privilegiam a memória são significativos, já que segundo alguns autores como Ulpiano Meneses, vive-se a crise da memória. Para tanto, Ulpiano Meneses considera a ênfase à ideologia do novo como consequência da cultura capitalista, que valoriza o moderno. As inovações e mudanças se fazem presentes, nesse contexto, de forma tão dinâmica que passa a serem não percebidas, ou até mesmo esperadas. Os indivíduos se focam nas inovações contínuas e que marcam descontinuidades. Essa consideração é posta dado o alto fluxo de informações diárias que tornam os indivíduos hiperinformados, e que, no entanto, impossibilitados de refletir a respeito daquelas devido à dinâmica da rotina, os tornam também alienados, na medida em que não pensam, só percebem. Métodos tradicionais de conservação da memória, como a busca da permanência dos eventos tradicionais de uma sociedade, tornam-se assim obsoletos<sup>30</sup>.

<sup>27</sup> PERIN, A. Caçadores da boemia perdida. *Gazeta do Povo*, Caderno G, Curitiba, 5 set. 2004.

<sup>28</sup> ENDEREÇO da fase áurea. *O Estado do Paraná*. Curitiba, 16 nov. 1999.

<sup>29</sup> B. R.; entrevista concedida a Mariana Corção, Curitiba, 25 mai. 2006.

<sup>30</sup> MENESES, Ulpiano T. B. A crise da memória, História e Documento: reflexões para um tempo de transformação. In: SILVA, Z. Lopes da (org.). *Arquivos, patrimônio e memória: trajetórias e*

Essa discussão foi antecedida por Pierre Nora<sup>31</sup>, para quem o esfacelamento da memória, advém da ascensão da modernidade, a qual é responsável pela substituição do homem-memória pelos lugares de memória. Lugares de memória, nesse sentido, são espaços constituídos de representação do passado incompleto e, que segundo Pierre Nora, vivem de sua aptidão para a metamorfose, para a adequação ao presente constantemente renovado. A mídia, por exemplo, é considerada por Nora como “película efêmera da atualidade”<sup>32</sup>, tende a enfatizar o novo na medida em que lança periódicos, estabelecendo uma relação temporal que torna todo anterior às novas notícias, ou o passado. Esse último, neste contexto, é percebido como uma apropriação de algo que não pertence mais ao presente. Nesta perspectiva, Pierre Nora afirma não haver mais manifestações da memória, em decorrência a essa se relacionar à vida, a algo que emerge de um grupo que a une, como estipulado por Halbwachs em suas reflexões sobre a memória coletiva<sup>33</sup>.

O Bar Palácio se integra à memória comum na medida em que, como espaço de tradição, privilegia a relação do sujeito com a memória que o cerca e o abrange. Nesta perspectiva, o Bar Palácio pode ser contemplado como lugar de memória. Segundo Mona Ozouf, tratar um objeto histórico como lugar de memória é dar fala ao presente não como uma forma de herança, mas como usuário do passado<sup>34</sup>. Nesse sentido, o Bar Palácio fala no presente de um tempo experimentado: do tempo em que se situava no centro de Curitiba que se relacionava mais intensamente e se apresentava ao contexto externo; do tempo em que seu tradicionalismo era o chamariz da clientela que enchia a casa, e do tempo em que o crescimento e desenvolvimento urbano conduzem à fragmentação dos espaços de sociabilidade e se vive o tempo da revivência e recordação entre àqueles que o procuram. Há, portanto, elementos que congregam o Palácio como lugar de memória, sobretudo às recordações associadas à ao sabor conservado pela cozinha tradicional. Para a entrevistada E. K. o Bar Palácio é:

*Um lugar que agrada. É um restaurante diferente dos outros, não é muito chique, mas tem um ambiente bom e que tem fama, que já vem de anos, longa data a mesma coisa, desde 1930. Então, muitos... quantos anos até hoje? Muito tempo para manter o mesmo tipo de comida, de cardápio, manter a mesma linha deles sempre, não modificou, apesar da evolução de tantas coisas, o Palácio manteve o mesmo. Só melhorou as instalações, que mudaram. Um prédio melhor para ter instalações melhores. Mas é muito bom porque manteve a tradição, do churrasco. Começou com o churrasco, não é? E que é famoso, e que é gostoso por sinal, muito gostoso. Eu chego a comer um sozinha.<sup>35</sup>*

---

perspectivas. São Paulo: Editora da UNESP, 1999.

<sup>31</sup> NORA, Pierre. Entre memória e História: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, PUC-SP, n. 10, dez. 1993, p. 7-28.

<sup>32</sup> NORA, Entre memória..., p. 8.

<sup>33</sup> HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

<sup>34</sup> *Apud* CHANET, Jean-François. Le passé recompose. *Magazine Littéraire*, n. 307, fev. 1993, p. 23.

<sup>35</sup> E. K.; entrevista concedida a Mariana Corção, Curitiba, 8 ago. 2006.

Pode-se dizer que o Bar Palácio é, para esta frequentadora, a extensão de sua própria casa. É relevante que ao falar do que foi e do que é o Bar Palácio, a entrevistada, dá preferência a colocar aspectos de permanência: como o cardápio, a comida, a tradição e o churrasco. Em relação ao ambiente, E. K. citou gostar as famílias amigas que costumavam frequentar o Palácio, algumas pessoas já falecidas, comentário que não é retomado ao fazer o contraste passado-presente. Pode-se dizer que isso se deve porque E.K. não vai mais tão frequentemente ao Palácio; ou porque, lembrar o que se viveu a partir do que a comida do Palácio desperta já é suficiente para cobrir a falta daquilo que costumava constituir o ambiente de antigamente. Seu filho, A. K. relata sobre a primeira lembrança que tem do Bar Palácio:

*O Palácio foi super interessante a primeira vez que eu fui, porque eu fui com uma turma, aliás, eu fui com ele [pai], de madrugada. Ele foi me buscar numa festa, eu estava com fome, eram duas da manhã e a gente foi comer lá.*

*Tinha atenção essa coisa, você chegar de madrugada e comer lá o file grise. Então, assim, uma comida pesada para a noite até. Eu achei o máximo. Estava morrendo de fome. E tinha a turma do abacaxi, que era uma turma que de pessoal que trabalha com rádio, Caiobá, Estúdio 96, Rádio AM, Rádio Cidade, juntava repórter, técnico em eletrônica, todo mundo e depois da balada deles, eles iam lá comer. Aí foi super bacana de ver isso, além de ter essa história da comida, a turma, uma turma mesmo imensa, uma bagunça. Marcou bastante restaurante.<sup>36</sup>*

Apesar de ter sido levado pelos pais quando era criança ao Palácio, A. K. descreve a sua primeira experiência com o Bar Palácio quando já era adolescente. O pai foi buscá-lo numa festa e o levou para comer no Palácio. Tal experiência deve ter se passado no início da década de 1980. Da mesma forma que D. C., A. K. expõe a intensa sociabilidade do Palácio pela madrugada como fator marcante dessa primeira experiência consciente do lugar. Destaca-se a referência aos grupos das rádios de Curitiba, cujas sedes de trabalho ficavam nos arredores da Barão do Rio Branco e que foram, por muito tempo, um significativo grupo frequentador do Palácio. Nota-se que na citação anterior, A. K. se refere ao Bar Palácio como Palácio, e posteriormente como restaurante. Tal referência se associa ao uso que o usuário faz do espaço, que é o de ir comer.

No contexto de mudança de sede do Bar Palácio muito foi discutido respeito da inovação e da tradição do espaço, como é possível perceber nos jornais do período que aludem à questão. O tabloide de Aramis Millarch, por exemplo, publicou no domingo de 25 de agosto de 1991: “O sexagenário palácio vai mudar. Mas só de endereço!”. A chamada de Aramis Millarch atende à valorização dos aspectos tradicionais do Palácio, na medida em que anuncia a mudança e enfatiza que é só de endereço<sup>37</sup>.

<sup>36</sup> A. K.; entrevista concedida a Mariana Corção, Curitiba, 8 ago. 2006.

<sup>37</sup> MILLARCH, A O sexagenário Palácio vai mudar. Mas só de endereço! *O Estado do Paraná*, Almanaque, Tabloide. Curitiba, 25 ago. 1991.

“Bar Palácio em três por quatro”, artigo de Adélia Maria Lopes<sup>38</sup>, revela aspectos do ambiente da antiga sede que juntamente com o cardápio e forma de serviço, serviam como estruturantes da identidade do Palácio. Nesse sentido, a mudança de sede, pode ser vista como fator que abala a identidade tradicional, que fez fama entre grupos mais diversos da sociedade curitibana no período em que ficou no número 438 da Rua Barão do Rio Branco. Os clientes tradicionais afirmam que “nada mudou”, fazendo referência ao cardápio e ao serviço, que na defesa de sua identidade tradicional, passaram a ser composta pelos principais fatores estruturantes, acompanhados da decoração da sede atual que exhibe artigos, quadros, placas e imagens nas paredes indicadores das décadas de história do estabelecimento.

A inauguração da nova sede do Bar Palácio marca um novo tempo, no qual a tradição dá espaço à rememoração. Por isso, se no período anterior o Bar Palácio era dado como um retrato da tradição da boemia curitibana, a partir desse período - início da década de 1990- a maior parte dos frequentadores vai ser aquela que estabeleceu anteriormente identificação com o espaço. Tomando os seis entrevistados para a presente pesquisa, constata-se que apenas entre dois deles permanece o costume de ir ao Palácio: B. R. e A. S. Tal indicativo não exclui a possibilidade dos outros terem no Bar Palácio um ambiente de rememoração, mas a permanência do Bar Palácio na rotina desses entrevistados fez com que suas falas expusessem elementos significativos entre a tradição e a rememoração que o ambiente proporciona.

Para B. R., o significado social do Bar Palácio não reside somente na identificação pessoal com a história, com o espaço e com o “sabor” da comida, mas também com a sua permanência concreta e praticamente invariável. Tal aspecto se revela quando o entrevistado discorre sobre outros restaurantes de Curitiba que frequenta e frequentava, citando alguns que não existem mais. O comentário do entrevistado revela um diferencial do Bar Palácio diante dos outros restaurantes antigos de Curitiba, o Palácio não é só antigo, mas é tradicional, é resistência, é existência quase que imutável desde que B. R. o conheceu.

*O que eu percebo: antes eu tinha vinte anos, e hoje tenho 70. Quer dizer, já tem uma diferença muito grande, não é?![...] Eu o vejo como um Restaurante que nunca foi barato, e que começou na boemia e hoje se mantém pela sua comida, mas ele já não é o que era.<sup>39</sup>*

Após expor todas as impressões do Palácio em seu contexto espaço-temporal, essa citação de B.R. expressa seu entendimento de forma resumida do que se apresenta diante do confronto passado-presente, para o Bar Palácio e para seus clientes tradicionais. O Palácio não é mais o que era não porque sua administração o levou a isso, mas porque a vida dos seus frequentadores o tornou diferente. O assíduo frequentador afirma que ao contar a história do Café e Restaurante Palácio, que é o exercício de rememoração que faz durante toda a entrevista, está contando a sua própria história. Tal afirmação conduz à percepção de que o entrevistado tem a si próprio como protagonista da história do Palácio, estendendo sua identificação como de apenas cliente. Nesse sentido, a citação a seguir explicita de que forma B.

<sup>38</sup> LOPES, A M. Bar Palácio em três por quatro. *O Estado do Paraná*. Curitiba, 5 set. 1991.

<sup>39</sup> B. R.; entrevista concedida a Mariana Corção, Curitiba, 25 mai. 2006.

R. é percebido como a extensão da própria cozinha. “E não vou como festa e não vou como jantar fora, eu vou no Palácio, porque hoje não quero fazer comida em casa, o eu que estou dizendo é a minha mulher”<sup>40</sup>.

O Bar Palácio como espaço de vida remete à memória social e coletiva que o abrange, se associa ao seu caráter invariável em meio às transformações ocasionadas pela dinâmica espaço-temporal do meio urbano. A tradição, mesmo que não identificada na memória pessoal do indivíduo que a experimenta, se associa a dados da memória coletiva que podem coincidir com a memória individual. Nesse sentido, algumas características marcantes do lugar podem remeter a outras propostas semelhantes de outros meios urbanos. É possível que um indivíduo que vai pela primeira vez ao Bar Palácio se reconheça em seu espaço, através da identificação de elementos comuns a dados de sua própria vivência- por alguma associação do gosto da comida, ou mesmo da disposição do ambiente que traduz um molde de restaurante de meados do século XX. Esse indivíduo também faz exercício de revivência e rememoração que remetem ao valor das lembranças e da memória na construção de suas características como ser único em meio à sociedade que a cerca. Tal relação é possível porque o Bar Palácio não permanece num espaço transcendental em que se compõe por si próprio. O Bar Palácio agrega elementos externos a ele próprio para manter seu tradicionalismo. Nesse sentido, enquanto proposta, o Bar Palácio preza a imutabilidade; enquanto espaço social, contudo, ele se relaciona entre inovações, invenções e permanências. O Bar Palácio se situa no presente, mas possibilita através da preservação, que se reconheça um espaço passado, possivelmente comum a outro espaço da memória de alguém. Nesse sentido, experimentar o Bar Palácio é sentir o estranhamento perante a distância espaço-temporal da vida cotidiana de elementos tradicionais, e paralelamente identificar na tradição do Bar Palácio elementos comuns às próprias lembranças, ou mesmo à memória comum social, que é a memória coletiva.

O cardápio, considerado elemento menos flexível entre todos os elementos que o conferem marco tradicional ao Bar Palácio, é tido como o fator que possibilita tanto maior reconhecimento, quanto maior estranhamento na relação da experiência com o indivíduo – ambos meios de identificação. Diante do quadro contemporâneo em que a memória involuntária cede espaço ao exercício de rememoração, a possibilidade de recuperar reminiscências através do despertar sensorial ocasionado por pratos que viabilizam o reconhecimento de tempos passados experimentados pelo indivíduo, fenômeno que constitui a memória gustativa, é significativa. Perante tal perspectiva, o Bar Palácio, que agrega elementos constituintes da identidade palaciana (os quais lhe conferem caráter tradicional), é visto como um patrimônio para os frequentadores mais antigos, e pode ser entendido, além disso, como um patrimônio gustativo.



<sup>40</sup> B. R.; entrevista concedida a Mariana Corção, Curitiba, 25 mai. 2006.

## RESUMO

O Bar Palácio, referenciado pelos antigos frequentadores como “Folclórico Palácio”, foi fundado na década de 1930 na cidade de Curitiba no estado do Paraná, e desde então tem sido refúgio para os noctívagos da cidade, persistindo com as mesmas características desde que foi estabelecido, o que o leva a ser entendido como um lugar de tradição da cidade. Entre os elementos permanentes do lugar destaca-se o cardápio, fator que viabiliza a vivência de lembranças a partir do sabor conservado pelo modo de fazer e servir ao longo dos anos. O cardápio é marcado pelos pratos tradicionais (mais conhecidos e pedidos): o Frango à *Crapudine*, o Mignon à *Griset*, o Churrasco Paranaense e o Mineiro com Botas. Tais pratos juntamente com outras características peculiares do Bar, englobam o que se define como uma “identidade palaciana”. O presente artigo introduz algumas reflexões no sentido de se pensar o Bar Palácio como um lugar da memória gustativa, partindo das experiências narradas pelos frequentadores.

**Palavras Chave:** Memória Gustativa; Tradição; Patrimônio Social.

## ABSTRACT

Palacio Bar, known as “Folkloric Palacio” was founded in the 1930s in Curitiba, and since then it has been a refuge for the night-walkers, keeping its original’s characteristics, thus is it’s understood as a traditional space of the city. Among the permanent features of the restaurant, the menu stands, for it enables the experience of recollections considering the flavor that is retained by the atemporal cooking and serving processes . The menu is marked by traditional dishes (which are the most famous) such as: Chicken *Crapudine*, *Mignon Griset*, *Paranaense* Barbecue and the *Mineiro com Botas*. These dishes, along with with others peculiarities of the Bar, compose the “Palacio’s identity”. This article presents some reflections on Palacio Bar as a place of gustatory memory by analyzing the experiences narrated by visitors.

**Keywords:** Gustatory Memory; Tradition; Social Heritage.